

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que muitos não se dobraram para contar por onde passaram, para onde foram e onde foram deixados. E aproveito também para ressaltar e eu acho que todos concordam comigo, que o Lindenbergh tem uma memória prodigiosa, ele me lembrando aqui nome, fatos e pessoas que convivemos juntos por um determinado momento e eu injustamente confesso que esqueci o nome do Clodovil que era um repórter fotográfico maravilhoso, bebia igual um gambá, mas quanto mais ele bebia, melhor ele fotografava. E era motivo de 10h00min, ele saía correndo nessa Kombi do Senhor João que ele era o motorista muito eficiente, dirigia a Kombi do jornal, da reportagem e não tinha nenhum dente na boca, não é? E contava para a gente o tempo todo que a maior paixão da vida dele era a mulher dele. Que ele trabalhava 12, 15 horas por dia, mas quando ele ia para casa, ele descontava. Isso ele nos contando. Uma grande figura, muito bem. E nos ensinou para gente jovem e ele experiente, a prova disso a entrada no quartel, né? Muito bem, eu anotei alguns fatos pra gente recordar, mas queria também ressaltar que a experiência que nós tivemos com sensores nas redações em Belo Horizonte, diante do que acontecia no Estadão, na Tribuna da Imprensa, nos jornais principalmente do Rio e de São Paulo, foi muito pouco, embora tenha sido uma agressão e uma intolerável intromissão do direito e ao acesso ao mínimo de liberdade de informação que estava acontecendo. E uma coisa interessante é que os censores num determinado momento e eles estavam presentes nas redações, alguns muito conscientes da sua autoridade, e do autoritarismo que (trecho incompreensível) vez, outros assim mais já cansados de uma vida policialesca e receber essa missão como mais uma da vida e aqueles que achavam que iam salvar o Brasil proibido pelo noticiário. Mas nós tivemos neles fontes de muitas informações. Porque proibiu-se tanto divulgar que os chamados comunicados (trecho incompreensível) com mais cinco enorme e dizendo que não podia publicar, foi pregado no quadro de aviso da redação, que era a maior redação de Belo Horizonte naquele tempo não é? Que os associados Estado de Minas e Diário da Tarde, mas foi mandado para os veículos todos, eram tantas proibições que vinham, (trecho incompreensível) desse comunicado enorme e tinha também os telegramas, que eles chamavam os telegramas que eram um papelzinho com um corte assim horizontal como fosse um telegramzinho, dizendo para comunicar a direção, a chefia de redação e tal, que ficava vedado, proibido, a divulgação da matéria sobre isso, assim, assim, assim. Então acontecia de nós sabermos que tinha acontecido uma coisa porque vinha proibir. Ninguém na redação tinha sabido ainda que tinha acontecido o fato. Mas o fato detectado por eles segundo a informação, distribuía a proibição e a gente então ficava sabendo quando o censor era do tipo assim, um pouquinho

mais, ele interagiu mais na redação, né? E via que ali não tinha ninguém querendo matar ninguém. Agora, o que aconteceu tipicamente em Minas Gerais? Eu acho e espero que o Manel até concorda comigo. O que aconteceu que era típico de Minas Gerais e que não aconteceu em outros estados, é que a autocensura nos jornais e eu estou falando de jornais, só. A autocensura de jornais em Belo Horizonte foi pacificada por quê? Os donos de jornais aceitaram colaborar adotando eles a iniciativa de não permitir que a matéria sequer fosse veiculada nos próprios jornais. Então uma vez ou outra, acontecia esse corre, corre que o Lindbergh lembrou aqui que a gente lembra, o jornal já tinha, a redação era em um andar superior e a oficina era embaixo, no nível da rua Goiás. Algumas vezes aconteceu de a matéria, a proibição da publicação da matéria chegava na redação quando ela já tinha (trecho incompreensível), titulada, revista e já estava prevista na página e já tinha descido para a oficina para virar jornal, né. Então chegava a proibição, essa vedação tinha que ser cumprida imediatamente, qualquer que fosse a ordem. Então acontecia de tirar a matéria lá na oficina. E eu fui secretário de oficina durante um bom tempo. E quando chegava a recomendação, aparecia alguém sempre apavorado, assustado, para, para, para que essa matéria não pode sair. E uma vez aconteceu uma, uma bobagem, uma besteira de prendeu alguém, qualquer coisa. Em outro lugar, em outro estado, não sei onde. Mas a matéria foi veiculada no Diário da Tarde que circulava às 11h00min. Então durante a manhã, que a gente trabalhava na oficina das 6h00min até o jornal ficar pronto. O jornal começou a rodar e estava lá uma matéria que foi vetada e às 10h00min, 9h30min, sei lá o horário. Mas não tinha ordem. Tinha um telefonema. Aí no auge da minha inocência eu falei: “Pô, mas não tem um papel, igual aquele telegrama proibindo?” “Não, quem telefonou foi um sargento fulano de tal, lá não sei o quê, do comando”. Eu falei: “Pô, mas tá, vai tirar, vai tirar.” Para tudo, refaz a página. O fulano é a forma da página que depois vai rodar. Então, para, tira, substitui flanca outra matéria no lugar e tal, não sei o quê, conseguiu, foi possível atender a determinação. Mas com a determinação que foi um telefonema de um sargento que telefonou, ligou para alguém na redação que ele conhecia, sei lá o quê, ou para o próprio censor e mandou tirar. E a ordem foi cumprida. Não porque quiséssemos. É porque a direção já estava diuturnamente concordando com essas atitudes censórias que viraram rotina. Muito bem. E nós não tivemos que publicar Camões, nem receitas e tal porque aqui não chegamos a esse ponto. Essa, esse jeito mineiro de ser, facilitou para que a gente não tivesse muito embates. Mas ficou registrado que a imprensa mineira contribuiu com a sua parcela de participação, para que as matérias vetadas, sequer gerassem espaço nos jornais do dia seguinte. É, essa autocensura editorial foi muito marcante porque a direção determinava, o

chefe da redação daquele tempo, editor-chefe, né? Secretário operacional, cuidavam para que a determinação fosse respeitada e cumprida. Então quando a matéria chegava para um repórter que atuava em área mais policial, mais política ou fatos assim mais em cima da hora, os chamados plantões, ela caía na própria redação. Não tinha muito espaço para ela sair. Com isso os conflitos foram menores. Mas temos alguns casos muito interessantes e que mostram como é que o exercício da censura era efetivo, presente em todas as redações. Eu citei o caso dos telegramas e dos comunicados. Mas teve um caso interessante que os cumpridores de ordens, eu chamava (trecho incompreensível) revolucionário, saiu para prender gente para todo lugar, mas recebiam ordens que a gente não sabe como é que chegava neles. Mas saía com ordem para buscar fulano, não sei o quê, parará. E lá na redação aconteceu dois casos muito interessante. O Gonçalo Coelho dos Santos era um baiano muito competente, tinha um texto maravilhoso que foi chefe da editoria internacional do Estado de Minas de muitos anos. E muito popular no meio da categoria, muito amigo da classe toda, então respeitado, acabou sendo presidente do Sindicato dos jornalistas nessa época do movimento militar de 64. Um dia, o nosso pavor era quando parava um jipe na porta do jornal na rua Goiás e desciam quatro, tenente, sargento, soldado, o que fosse, descia um para cada lado, os quatro a gente via de cima: “Ih, chegou o jipe. Subiram os quatro, chegaram na redação, atravessaram com aqueles bat-boot’s, ‘pom’, ‘pom’, ‘pom’”. Entraram na redação. E a redação era cumprida, o Gonçalo esse editor, presidente do Sindicato dos jornalistas sentava na última mesa lá no fundo que a editoria internacional era separada, um nicho. E tal, chegaram: “O senhor que é o Senhor Gonçalo Coelho dos Santos?”, “Sim senhor.”. “O senhor que é o presidente do Sindicato dos jornalistas?”, “Sim senhor.”. “O senhor está preso, nos acompanhe não sei o quê e tal, parará, parará, parará”. Levaram o Gonçalo Coelho dos Santos, presidente do Sindicato dos Jornalistas preso. Porque uma matéria, uma matéria que deveria ter sido vetada, teria sido publicada em um jornal, em uma edição anterior. Mas não tinha sido. Aí levaram o Gonçalo lá, deixaram ele uma hora lá esperando para passar as informações que ele inseriu, chegou lá um representante do movimento revolucionário do comando geral: “O senhor que é o Gonçalo Coelho dos Santos”. “Sou eu”. (trecho incompreensível). “Aonde o senhor nasceu, parará, parará. O senhor recebeu uma ordem que não podia publicar uma matéria assim, assim, assim.” “Sim senhor”. “E por quê que a matéria foi publicada?”, “Ela não foi publicada.”, “Quem que disse que ela não foi publicada?”, “Eu estou falando que não foi publicada, eu separei lá qual seria a ordem.”. “Mas segundo a informação que nós temos a matéria foi publicada, não sei o quê, na página e tal, da edição”. “Não senhor, não foi

publicada a matéria, ficou na minha gaveta, está lá guardada.”, “Então nós vamos lá buscar a matéria para ver se ela foi publicada ou não.”. Voltaram, devolveram o Gonçalo à redação, e pronto acabou. Eles tinham a informação de uma matéria publicada que não tinha sido publicada. O outro caso. Tito Guimarães, grande Tito. De Montes Claros, de Teófilo Otoni, Montes Claros é outro. O Tito Guimarães foi procurado, foi buscado no Estado de Minas porque o jipe queria levá-lo. Aí entraram na redação e chegaram em frente de um colega nosso e falaram assim: “O senhor que é o Senhor Tito”. “Sou eu”. “Então o senhor nos acompanha, está preso”. Chegou a levar para o DOPS na Afonso Pena. Chegaram lá, na hora eles deixaram ele sentado lá esperando um tempão e tal, algumas horas. Aí foram para qualificação e identificação. “O senhor é jornalista?” “Sou”. “Do Estado do Minas?” “Sou”. “Como é que é seu nome?” “Tito Karan Guimarães”. “O senhor não é Tito Guimarães?” “Não. Sou Tito Karan Guimarães.” “O senhor não é do Estado de Minas?” “Sou. Mas eu sou outro Tito”. “Ah, então está bom. Então o senhor está dispensado”. E o Tito Guimarães falou assim: “Bom, agora eu vou voltar a pé?” Ele falou: “Ô fulano, manda o jipe levar o jornalista. Eu dei o sobrenome da pessoa que eles estavam buscando”. E o 3º caso semelhante foi Kênio, Kênio que era assessor, Ênio Amaral. O Ênio Amaral foi da Última Hora muitos anos. Então a Última Hora foi muito visada na hora de prender jornalistas em 64 e eles saíram, o comando saiu procurando o Ênio Amaral. Tinha no Diário de Minas, o editor do jornal, grande figura, inteligente, bom profissional. Que era o Ênio Fonseca, que posteriormente trabalhou na Agência Nacional. Eles procuraram o Ênio Amaral no Estado de Minas, não acharam. Ele realmente era de outro lado do Estado de Minas, com o dois ou três irmãos dele que trabalharam. Não acharam o Ênio Amaral, quem falou assim, mas o Ênio que vocês estão, o Ênio que vocês estão procurando não trabalha aqui não, ele trabalha no Diário de Minas, que era na Praça Raul Soares, não na rua Goiás. Aí só caras desceram, pegaram o jipe, foram lá, buscaram o Ênio Fonseca e levaram ele para depor. O Ênio Fonseca que era um contador de histórias, gostava de fazer umas histórias, umas novelas. Então contando essa história, a gente dobrava de rir, ele contando as mancadas dos quatro militares que foram buscá-lo e foram no Diário de Minas até o (trecho incompreensível), eu não me lembro bem, contando da burrice do chefe deles, de mandar eles irem na rua Goiás, quando o cara era na Praça Raul Soares. E eles contando e tal, achando vitorioso, então está aqui o camarada. E o Ênio ouvindo tudo. Quando ele voltou, não é, eles tinham levado o Ênio errado mas estavam se vangloriando de ter prendido o Ênio certo e pôr a culpa no chefe que não falou com eles quem que era o Ênio. Esse era o comando que queria comandar o Brasil. Bom, uma outra coisa que eu queria lembrar para



mostrar a censura, para mostrar também a violência. Essas provas. O José Aparecido de Oliveira, jornalista, foi do Diário de Minas dos bons tempos do jornalismo mineiro e foi diretor do sindicato dos jornalistas nesse tempo. Ele morava, a mãe dele, ele era solteiro nessa época, morava em frente o comando da ID-4 na rua Santa Catarina, para quem não sabe, a ID-4 era na rua Santa Catarina mais ou menos, não sei o quarteirão que era, mas era na rua Santa Catarina. Em frente morava a mãe do José Aparecido de Oliveira. Que era um jornalista conhecidíssimo já naquela época, mas tinha sido secretário particular do presidente Jânio Quadros em 61, de quem ele foi muito amigo e quanto Gagarin veio ao Brasil depois de ter ido à lua, o Gagarin trouxe presentes para as pessoas que ele visitou e tal, e foi quando o Jânio Quadros o condecorou com a medalha Cruzeiro do Sul que é a maior comenda brasileira ainda, de homenagem do governo brasileiro a personalidades e homenageados e tal. Então o Gagarin veio ao Brasil e quando ele ganhou a Comenda do Cruzeiro do Sul, ele trouxe alguns brindes russos para dar de presente e deu para o próprio presidente da república e o José Aparecido que era o homem, o braço direito do Jânio, e esse brinde o José Aparecido depois que deixou o governo depois do governo militar, ele veio e voltou a frequentar a casa da mãe que era ali na Santa Catarina. E interessante que o quarteirão onde tinha ID-4 portanto nessa época exatamente ele foi cassado também, né? O quarteirão da ID-4 na casa da mãe dele ficava fechado, não tinha trânsito. Só quem morava que tinha acesso, era fechado. Muito bem. Então o José Aparecido trouxe pra casa da mãe dele esse brinde, essa lembrança que ele ganhou do Gagarin que era o seguinte, aquilo é como se fosse aqui uma bola representando a terra, um arame e aqui a nave espacial e tudo escrito em russo. Aí alguém denunciou que na casa do José Aparecido tinha uma porção de prova de que ele era comunista. Tinha sido cassado. Ele tinha dado a medalha, a maior honraria brasileira ao Gagarin e tinha recebido o Gagarin que era da Rússia. Comunista perfeito. Muito bem. Aí juntaram aqueles jovens que andavam com 38 na cintura, filhos de outros militares ou que aderiram àqueles movimentos, reuniram o (trecho incompreensível). Eu sou talvez o mais velho presente aqui e então o Pandiá Calógeras foi transformado em 64 de 31 março pra frente, eles fecharam o colégio, a escola e lá se transformou no, se chamava centro de reunião dos jovens apoiadores do movimento revolucionário chamado, que eles auto denominaram. Então todo não, quase todos os filhos de coronéis, majores, generais e tal que estavam sediados e prestando serviço em Belo Horizonte, foram chamados, autorizados a andar armados e se reuniram no Pandiá Calógeras. E lá eles trocavam informação. Ontem eu preendi fulano, ontem não sei o quê. Jovens. Então alguns jovens desses denunciaram que a casa do José Aparecido tinha documentos que provavam que ele era

comunista e um dia, sem que o comando da ID-4 soubesse, ficaram sabendo depois, invadiram a casa do José Aparecido que a mãe dele morava sozinha em um horário que ela não estava, quebraram uma porção de coisas na casa e levaram esse troféu para ID-4 para provar que o José era comunista. Alguns outros colegas e também cobríamos a ID-4, (trecho incompreensível) a gente e esse era um setor que a gente cobria todo dia procurando informação de (trecho incompreensível). Como a gente tinha umas fontes, claro que todo mundo tem. Me contaram que tinha um grupo de jovens, tinham entrado na casa do José Aparecido à noite, umas duas noites anteriores, tinham quebrado a casa, um monte de coisa, não sei o quê, tinham quebrado para entrar e trouxeram como o próprio era polícia, esse negócio que eu vi lá no ID-4, o troféu. Eu então fiz uma matéria no Diário da Tarde contando esbirros invadiram a casa de José Aparecido e roubaram e levaram (trecho incompreensível) e contei o quê que era que tinham levado da casa do José Aparecido. No dia seguinte, eu cheguei no jornal, a gente pegava serviço 14h00min. Cheguei no jornal, fui ajudar, cheguei na direção geral. Fui na direção geral, fui avisado que tinha sido demitido. “Bom, por quê?” “Porque você foi irresponsável, você publicou uma matéria mentirosa, falando que invadiram a casa do José Aparecido, não sei o quê”. Eu falei: “Mas quem que falou que era mentira?” “Ah, telefonaram aqui do comando, não sei o quê e tal e tal”. Eu falei: “Mas eu posso falar com o diretor?” Era o Doutor Geraldo Teixeira da Costa que é pai do Álvaro Teixeira da Costa que hoje é o presidente do Estado do Minas. Que era o diretor geral representando o Assis Chateaubriand. “Ah, ele agora está ocupado e tal”. “Mas não posso falar com ele?” “Pode”. Marcaram. Fui lá. Entrei na sala dele, falei: “Ah, fiquei sabendo que fui demitido, por quê?” Desmentiram a minha matéria e tal. Ele falou: “Mas quem que falou que é mentira?”, “Me falaram que telefonou aqui um fulano de tal, um militar.” Ele falou assim: “Mas, afinal é mentira ou é verdade?” Eu falei: “Claro que é verdade”, “Não, como é que você prova?” “Eu falei assim, eu quero falar com o General Guedes?”. O General Guedes naquele tempo era uma autoridade dentro desse processo todo. Ele era um bom general, com todos os vícios mas era um bom general. Ai foi e falou, que General Guedes? O General Guedes vai falar com você? Eu falei, não, eu ponho ele na linha, o senhor fala com ele agora. E perguntei, e da mesa dele eu liguei. Eu queria falar com o General. (Trecho incompreensível) que era o assessor do jornal. Sobrinho do Dom João Regino de Costa que era do serviço do (trecho incompreensível). General, está acontecendo isso, tal, tal e tal, Doutor Geraldo está aqui e quer falar com o senhor que falaram que era mentira. Passei, o Geraldo falou, não, é verdade sim e tal, já mandei tomar providência com esse meninos pra não sei o quê.” Aí o Doutor Geraldo Teixeira da Costa olhou

para mim e falou: “Então volta pra redação e trabalha direito”. Está bom. Então eu não fui demitido porque eu consegui provar que a matéria era verdadeira. Agora se responsáveis inconsequentes lá do chamado Comando, demitiam, nos demitiam, era assim. Bastava um sargento telefonar, a palavra dele era mais do que qualquer um de nós. Porque era do chamado comando. Muito bem. Passados alguns dias, o Presidente Castelo Branco, eu tenho dois casos para contar, eu vou contar rapidinho. Presidente Castelo Branco veio a Belo Horizonte, o presidente da República, militar, porque ele tinha sido casado com uma senhora que era filha do Artur Viana que era um comerciante instalado ali na Santos Dumont, que vendia salitre do Chile. Naquele tempo, salitre do Chile era o complemento, (trecho incompreensível) não é? Mais usado então ser revendedor de salitre do Chile era um comércio importante e ele era de uma família tradicional. Muito bem. Fizeram então um almoço para o Presidente Castelo Branco na casa do Artur Viana que salvo engano era na Barroca, tenho quase certeza. Muito bem. André Cavalcanti? Então era André Cavalcanti. Perto da trincheira por ali. Não tinha trincheira, estou lembrando o lugar. Bom, eu fui designado então pelo Diário da Tarde para ir para fazer a entrevista com o Presidente Castelo Branco que ia receber um almoço de homenagem e convidado aí do Governador (trecho incompreensível). Eu fui. Quando eu cheguei na porta da casa, o sargento lá me pediu o nome, carteira de identidade, tal, tal, tal. Foi lá dentro e voltou e veio um tenente com ele e falou comigo. Você não vai poder entrar não. Por quê? Não pode entrar. Mas eu estou cadastrado, credenciado, já fui lá no ID-4 e tal. Aí ele virou pra mim e falou assim. Esse bilhete aqui é seu? É. Uai, por quê que esse bilhete está na sua mão? Não interessa. Você não vai entrar não. Para sorte minha, eu falo que Deus existe e existe mesmo. O Coronel José Aurélio Rezende Costa vem andando, desceu do carro e ele passa por mim para entrar no almoço. Aí ele vira pra mim, eu era dos repórteres que cobria o ID-4 quase todo dia. O quê que você está fazendo aí? Não, que o tenente ali falou que eu não posso entrar não, porque ele diz que tem um bilhete na mão dele que não me deixa. Mas o quê que é? Foi lá perguntou, olhou. Pode entrar. Eu entrei para o almoço e fiz uma entrevista com o Castelo Branco junto com vários outros colegas jornalistas assim rapidinha, não falou nada de importante, mas o fato de ter falado alguma coisa, já gerou uma matéria lá. O quê que era esse bilhete. Bem lembrado o Doutor Paulo Cabral de Araújo que foi um ótimo diretor para nós na época dele nos diários associados aqui. Tinha um secretário, um analfabeto de apelido Ceará, porque era conterrâneo do Doutor Paulo Cabral que também era cearense. Mas por ser cearense, podia ser ele secretário do diretor do jornal. O apelido dele era Ceará, um pobre coitado. O Ceará era o informante do SNI da época,

um órgão de informação que tinha na época, dentro do jornal. Ele e um outro colega nosso que trabalhava no telex, eles eram informantes. Informantes de usar carteira, usavam carteira de identidade (trecho incompreensível). Nós soubemos isso em um dia desses, um colega nosso foi subir a escada e tropeçou, caiu e todo mundo lá andava de terno e a gente usava as carteiras no bolsinho de fora do paletó. Quanto ele caiu, as carteirinhas correram. No meu pé, no meu pé veio a carteirinha verde que era a carteira que ele usava. (Trecho incompreensível). Muito bem, o Ceará foi que fez o bilhete, foi que passou o bilhete que eu tinha explicado no jornal que a matéria era verdadeiro, que a fonte era boa e que eu, o General Guedes sabia da história e ele que tinha deixado vaziar aquela informação, que tinha invadido a casa do José Aparecido, não sei o quê. O bilhete que eu deixei para o Doutor Geraldo Teixeira da Costa antes dele me receber. Estou olhando tudo para me defender dizendo que a matéria era verdadeira, tinha fundamento, tinha fonte. Este bilhete foi entregue por esse Ceará ao pessoal lá da informação para me cercar lá na casa, porque certamente eles sabiam que estava acontecendo e que apareceria. Então esse era o trabalho que eles faziam com a gente e que a gente nem sabia que estava sendo feito. Agora, vou entrar em uma parte bem objetiva para lembrar aqui um camarada que não está aqui presente por motivo de saúde, mas adoraria estar aqui e nós todos adoraríamos ouvi-lo que ele tem coisa para contar e é bravo, corajoso, audacioso, chama-se Dídimo Miranda de Paiva. O Dídimo só não está aqui porque a saúde não permite. A cabeça está ótima (trecho incompreensível) deixar muito a desejar mas ele continua bravo demais. No período que ele foi presidente do Sindicato dos jornalistas, e no período que sucedemos e ele continuava sendo o homem do Sindicato dos jornalistas. A cada ato contra imprensa, contra jornalista, contra rádio e televisão, radialista, profissional, cinegrafista, contra qualquer pessoa e principalmente quanto atingia por menos que atingisse o sagrado direito de liberdade de imprensa e da informação. O Dídimo ficava macho e soltava nota em nome do sindicato esculhambando todo mundo. Uma coletânea de notas e talvez virasse um livro se nós tivéssemos o cuidado de guardar as matérias censuradas. Porque muitas matérias censuradas. (Trecho incompreensível). Só que um incêndio alguns anos atrás destruiu uma parcela grande do arquivamento do Sindicato dos jornalistas e perdeu muito a sua história, a prova da sua história foi nesse incêndio e lá se foram aquelas notas maravilhosas que o Dídimo escreveu, protestando contra tudo que acontecia com a imprensa brasileira aqui e em qualquer lugar do Brasil. E termino esse relato lembrando primeiro é que o Dídimo foi, o Dídimo criou o chamado novo sindicalismo aqui a partir da proibição da Vila Euclides lá em São Bernardo em 78 quando o prefeito de lá não conseguia mais emprestar o ginásio e nós



passamos a realizar em Belo Horizonte a reunião do comando sindicalista do trabalhador do Brasil inteiro, passou a ser feito aqui na Casa do Jornalista e o Dídimo era o guerreiro da porta da Casa do Jornalista onde só entrava quem ele deixasse entrar e principalmente quem tivesse alguma coisa para dizer. Ele foi escolhido por causa dessa grande liderança que ele representou no movimento sindical brasileiro naquela época, muito representativo até hoje, e a liderança do movimento sindical dos trabalhadores todos o escolheu. A liderança escolheu o Dídimo para ser o orador oficial da festa do 1º de maio que ia acontecer em Contagem e que o Castelo Branco viria. Então o Dídimo preparou o discurso dele sem ninguém participar. Ele ficou dias trancado escrevendo aquilo. Escrevia à máquina com uma velocidade enorme, a facilidade mental e tudo. Quando faltava um ou dois dias para, mais, faltava uma semana para o 1º de maio, ele recebeu a visita do delegado regional do trabalho, o Odésimo Viana de Souza (trecho incompreensível) comando do Governo, dizendo que eles estavam procurando o Dídimo, reservadamente porque o Presidente Castelo Branco queria conhecer o texto do discurso dele para que ele pudesse fazer um discurso de presidente respondendo, esclarecendo, (trecho incompreensível) induz. O Dídimo ouviu assim uns 03 ou 04 minutos, virou e falou assim, jamais, eu morro, mas não entrego esse discurso. Fala para o Presidente. Se ele quiser conhecer meu discurso, vai lá em Contagem que eu vou falar lá. Não teve. O Presidente não veio. A festa aconteceu um minuto, porque foi só o movimento sindical que fez a festa e a festa ia ser transmitida para o Brasil inteiro, colocaram um esquema de divulgação, o Presidente Castelo ia falar para os trabalhadores do Brasil. Aí à noite na televisão, antes não sei se era Jornal Nacional na época, tinha na época, entrou uma nota da Presidência da República saudando os trabalhadores do Brasil, tal, tal, tal. Bom, resultado disso foi que em 78 nós tivemos a infelicidade de sermos acordados de madrugada porque uns irresponsáveis inconsequentes, uns idiotas botaram uma bomba na porta da Casa do Jornalista na Álvares Cabral.